

Nox Freana

Uma ode apaixonada aos fascinantes e enigmáticos véus da existência

Edição I - Janeiro de 2010



Lilith Ashtart



A revista eletrônica de lançamento aperiódico “*Nox Arcana*” foi

criada como um espaço para a manifestação de meus pensamentos e ensaios, desde as grandes divagações inspiradas pelos mistérios da loucura existencial até os estudos mais racionais com suas peculiaridades lógicas.

Estarei realizando uma miscelânea de meus ensaios antigos e novos nas diversas edições, sendo que alguns possuirão versões exclusivas para a revista. Os temas abordados serão assuntos pelos quais possuo um extremo fascínio: o ocultismo, a psicologia e as artes.

Algumas edições contarão com traduções de minha autoria e também com a participação de autores convidados. A seção sobre arte em especial contará com a divulgação de obras e artistas que admiro.

A intenção dos escritos aqui expostos não é a de destruir ou invalidar a sabedoria tradicional e muito menos a de se tornar a palavra final, mas contribuir com novas abordagens e experiências mais condizentes ao estágio evolutivo atual da humanidade. Esta contribuição visa incitar a análise crítica e pessoal do leitor perante o que se é divulgado contribuindo, desta maneira, para o autoconhecimento e descoberta do *self*, proporcionando a vivência e realização de si mesmo através do abandono das máscaras embutidas pelo que é exterior à nossa real essência.

Este material pode ser exposto publicamente em outras páginas da WEB, citando a fonte (<http://www.nox-arcana.com>) e a autora (Lilith Ashtart). É permitido copiar para uso pessoal. Ele não pode ser **de nenhuma maneira** alterado ou editado, nem usado com fins lucrativos, sem autorização por escrito da autora, sob pena de infração de direitos autorais. **Conteúdo destinado a maiores de 18 anos.** Continuar sua leitura estará confirmando este requisito.

Caso deseje entrar em contato com sugestões e críticas construtivas, visite meus sites abaixo, onde está disponível o formulário para contato.

Lilith Ashtart

Nox Arcana

Edição I – Janeiro de 2010

Editora :

Lilith Ashtart

[HTTP://www.lilithashtart.com](http://www.lilithashtart.com)

[HTTP://www.nox-arcana.com](http://www.nox-arcana.com)

Versão inglesa :

Kamus Hadenes

Autor convidado:

David Ruv (Snarvrans)

Índice

ENSAIOS

- Uma divagação sobre a vida 04
- A beleza da solidão 07
- Liberdade e livre arbítrio 10
- Ética Luciferiana 13

ARTE E CULTURA

- William Blake (1757-1827)16
- Enigma? – David Ruv 18

INTERESSANTES

- Livros, música, sites e afins 19

UMA DIVAGAÇÃO SOBRE A VIDA

POR LILITH ASHTART – SÃO PAULO – SP © 2009

[Em não ver deus em si mesmo, mas apenas como uma força exterior, é que reside a adoração aos falsos ídolos tão pronunciada de forma distorcida em diversas culturas. Que a vida então seja uma eterna adoração do único deus real, que é aquele que se confunde com nós mesmos! – Lilith Ashtart]

"Ninguém poderá jamais aperfeiçoar-se, se não tiver o mundo como mestre.

A experiência se adquire na prática."

William Shakespeare

A vida é como um livro do qual conhecemos apenas o momento final da história, mas que percorremos ansiosos, para decifrar todas as passagens que nos direcionará até lá. Alguns apenas esperam os capítulos virem; outros, os presumem antecipadamente e acabam por se decepcionar; há quem pule muitos capítulos, e ainda aqueles que constroem um novo entendimento em cima do que lêem, reescrevendo a história conforme sua vontade. As vitórias, as incertezas, as derrotas, enfim, os acontecimentos da forma como serão vivenciados, dependerão apenas do possuidor do livro, e não de quem o teve primariamente em mente. Há uma co-autoria indissociável entre aquele que o imaginou e determinou sua conclusão, e aquele que escreve os capítulos anteriores a tal acontecimento.

Cada ser humano é responsável pela construção de seus próprios caminhos, afinal, “cada homem e mulher é uma estrela”, e possui seu próprio brilho, espaço e tempo. Seria possível afirmar que a experiência de um é a única fonte de despertar no outro suas reais capacidades? Seria vivenciada de igual forma, com tempo e resultado equivalentes? A Verdade é única, e apesar de não se adaptar a ninguém, pode ser descoberta de diversas maneiras. Desta forma, como seria possível existirem dois livros exatamente iguais? Apesar disso, é facilmente constatado o culto e desejo da humanidade em reduzir todos a um único tipo de ser.

Reduzir a diversidade que é inerente à Natureza a uma unidade é destruir a própria unidade em si, já que cada indivíduo é único por si mesmo. Este é o grande erro pelo qual a humanidade sempre caminhou, desde o momento em que impôs uma lista de condutas e éticas na esperança de tentar, através da unicidade, possuir o controle sobre todos de igual maneira. O mesmo ocorre com as grandes religiões e linhas que exigem entre todos os seus adeptos o mesmo comportamento através de um padrão excessivamente rígido, o que termina por direcionar suas atitudes e pensamentos, limitando a descoberta das reais essências de cada um, ao invés de incitá-las. *“Há loucos em todas as seitas e impostores na maioria. Por que eu deveria acreditar em mistérios que ninguém entende, só porque foram escritos por homens que escolheram confundir loucura com inspiração e que se auto-denominam evangelistas?” (Lord Byron).* Todos em suas visões são os escolhidos, e

classificam qualquer um que não se encaixe em suas liturgias como incapazes e perdidos. A verdade é que a repressão e a opressão da manifestação das particularidades de seus membros através da imposição de uma postura única e inflexível contribuem apenas para o retrocesso e aprisionamento dos mesmos em suas ilusões, o que os fada ao fracasso, já que anulam o eu individual para se enquadrarem no estigma de um grupo.

Como poderia a transformação ser adquirida por alguém que não consegue mais distinguir sua própria essência das dos demais? Que se identifica como mais um número em meio à multidão, sem que nenhum tipo de questionamento crítico seja elaborado perante uma **“eterna e imutável verdade”** pronunciada? A identidade passa a ser substituída por um modelo do ideal, que nem sempre corresponde à realidade, já que a própria realidade é relativa quando é constatada por cada um. A negação do eu individual, e da própria natureza humana, não pode ser reprimida sem conseqüências. Os comportamentos ditados embutem nas pessoas um eterno estado de conflito. Este mesmo conflito, mal administrado, traz como resultado uma prisão ainda maior do indivíduo em si, através do **medo, da loucura, da violência ou da manipulação**. Jung já observara que *“um homem não é completo quando ele vive em um mundo de verdades estatísticas”*, que o impede de experimentar seus próprios valores, *“o plano de fundo de sua própria personalidade”*.

É apenas através da diversidade que conseguimos encontrar as várias **“expressões”** com que o inconsciente coletivo universal se apresenta de uma forma inteligível. Foi este princípio que originou os tantos arquétipos, trabalhados até hoje para o desenvolvimento e descoberta da psique humana, seja através da psicologia ou da própria magia. As várias tonalidades precisam ser individualizadas para existirem, mesmo sendo parte de um todo! É certo que nem todas estas expressões obrigatoriamente encaminharão o indivíduo a sua evolução, mas quem pode lhe escrever as páginas? Apenas a experiência vivida por cada um. É do auto-aprendizado, e somente dele, que nasce a sabedoria. **“Seguir”** é abster-se de si mesmo, e incorporar o outro. Definir-se como algo é acabar por limitar-se. Cada um possui o livre-arbítrio de sua escolha e, seja o que escolher, que seja verdadeiramente, e sem medos! Mephistopheles já alertara a Fausto de que nada vale o eterno criar, se a criação em nada acabar. Então, que cada um construa seu próprio reinado e dele se torne monarca e deus! E este reinado nada mais é do que a própria vida. Portanto, fique alerta para não se tornar apenas um subalterno de outro rei...

“É do autoaprendizado e somente dele, que nasce a sabedoria. “Seguir” é abster-se de si mesmo e incorporar o outro. Definir-se como algo é acabar por limitar-se” – Lilith Ashtar

Sendo um veículo tão importante e primordial, me pergunto por que o medo e a preocupação com a morte, que nem ao menos um capítulo é dela, apenas seu desfecho e início de um novo livro. A curiosidade faz parte da natureza humana, e foi a responsável por todo o conhecimento que adquirimos até hoje.

Não há mal de se divagar sobre a morte, querer conhecer seus ainda não escritos capítulos, porém não devemos nos preocupar em iniciar um novo livro antes de escrever o

atual. Deixar de viver a vida por causa de vãs suposições, é já estar morto em vida! As aspirações que devemos ter têm que encontrar suas realizações aqui e agora, embora, muitas delas não sendo momentâneas, nos acompanharão eternamente. E é nisto que reside nossa maior responsabilidade, para se obter uma verdadeira liberdade.

Alguns me perguntarão: “*E Deus, onde entra em nossa vida?*”. Eu responderia que ele está morto em quem não consegue fazê-lo pronunciar-se em si mesmo. Cada um de nós é uma manifestação da divindade, e a própria vida é a prova disso. Contudo, aflorar nossa essência, é única responsabilidade nossa. Um deus atemporal nada necessita de temporal, então, as únicas recompensas que obteremos serão aquelas direcionadas a nós mesmos, através de nossos atos. Em não ver deus em si mesmo, mas apenas como uma força exterior, é que reside a adoração aos falsos ídolos tão pronunciada de forma distorcida em diversas culturas. Que a vida então seja uma eterna adoração do único deus real, que é aquele que se confunde com nós mesmos! Que a utilizemos para em nossas páginas escrevermos hinos, sabedorias, transmutações e concretizações, ao invés de sonhos! E assim, quando finalizarmos nosso livro, seremos dignos e mais sábios para compor o próximo.

Como nos lembrou Maquiavel: *“Nada é mais difícil de executar, mais duvidoso de ter êxito ou mais perigoso de manejar do que dar início a uma nova ordem de coisas. O reformador tem inimigos em todos os que lucram com a velha ordem e apenas defensores tépidos nos que lucrariam com a nova ordem.”*

Sem desejar procurar por inimigos ou defensores, escolho o que dá sentido a minha vida, já que todo novo recomeço necessita de uma nova ordenação das coisas...



“Nossa única e real companhia somos nós mesmos, tudo que se encontra dentro de nós, nossa sombra e nossa luz...” – Lilith Ashtart

A BELEZA DA SOLIDÃO

POR LILITH ASHTART - SÃO PAULO - SP © 2006



Solidão. Algo tão temido e evitado pelo ser humano por simples incompreensão. A mensagem que sempre recebemos é a de que para sermos felizes devemos ser uma pessoa social, com muitos amigos e que jamais se encontra sozinha. Tola ilusão! Não percebem que o estímulo para viver em meio a tantos de sua mesma espécie é apenas mais uma artimanha para criar pessoas sem identidades próprias, em que todas desejam ser iguais para serem igualmente aceitas e apreciadas. Criação de Personalidades que desde cedo moldam o ser humano e se enraízam tão profundamente que não há mais no futuro como identificá-las como não sendo parte dele.

Quem nunca entrou em conflito ao perceber, mesmo que momentaneamente, que era diferente dos demais e dos padrões impostos pela sociedade? Quem nunca pelo menos durante um dia que fosse não tentou viver a vida de outras pessoas para tentar ser como elas e se encaixar em um grupo? Tudo pelo horror de imaginar-se só, excluído. Estas experiências ocorrem em nossas vidas nos demonstrando a imensa força da sugestão da cultura e costumes sob as quais crescemos e que nos cercam todos os dias através de todos os meios.

Engana-se quem afirma que o humano é um ser sociável por natureza. Isso ocorreu pelas condições artificiais que ele mesmo criou e se submeteu. Como todo animal, o ser humano apenas é instintivamente sociável em momentos de necessidades vitais, i.e. a reprodução, ou quando permanecer em meio ao coletivo se torna útil, como em casos de interesses em comum. Porém, mesmo se encontrando em um grupo, sua natureza permanece essencialmente individualista. Isso não é difícil de ser observado ainda nos dias de hoje: retirando a máscara de solidariedade e compaixão que muitos usam para se travestir, quem escolheria entregar sua vida no lugar de outra em um momento de perigo, assim como o fazem os animais realmente sociáveis?

Todos somos seres solitários, mesmo quando nos encontramos no seio de uma família de semelhantes. Unimo-nos por um propósito em comum, lutamos juntos por ele, auxiliamos uns aos outros através da troca de nossas experiências e estudos, mas sabemos que cada um deve traçar seu caminho por si só. Isso porque temos a compreensão de que somos seres únicos, e como tais, ninguém além de nós mesmos pode se tornar responsável por nossa queda ou ascensão. Sabemos que não há sentido em abandonarmos nossa própria iniciação pela de outra pessoa, ou esperar a nossa chegar através de alguém. Contudo, há aqueles dispostos a nos auxiliar a perceber os obstáculos que muitas vezes estão ocultos em nós mesmos. E é aí que se encontra a verdadeira essência da fraternidade: não a de confortar a dor com a ilusão de cura, mas a de cutucar na ferida para que sua raiz seja encontrada e então efetivamente arrancada.

Belo, mas também doloroso. E por mais consciência que tenhamos disso, se não totalmente compreendida, é inevitável encararmos de vez em quando nossa solidão como negativa. O que não é condenável, em vista que ainda estamos rumo a nossa evolução, e muitas escolhas devem ser feitas. Negar vivenciar estes primeiros passos é negar a evolução em si: mesmo na natureza ela passa por estágios intermediários antes de chegar ao seu mais atual estado de perfeição. Condenável é se entregar a tais sentimentos e, conseqüentemente se estagnar naquele patamar. É nesta fase em que devemos nos precaver mais, pois ficamos mais suscetíveis ao surgimento de conflitos internos e externos, decorrentes de diversos fatores:

- Autocrítica severa que, se encarada de modo negativo, pode vir a nos desestimular a continuar pelo surgimento de aparente incapacidade de alcançar a meta almejada;
- Sensação de vazio em relação a perdas materiais ou mesmo sentimentais decorrentes da prioridade de nossas escolhas, que, embora efetuadas conscientemente, nos traz um período de mudanças até total compreensão e assimilação da nova fase;
- Sentimento de abandono em relação àqueles que julgamos nossos semelhantes, quando ainda esperamos mesmo que inconscientemente uma ajuda além daquela que eles podem nos fornecer, a qual apenas pode ser obtida por nós mesmos; ou quando desejamos estar em seu meio constantemente e isso não é possível.
- Conflitos gerados por pessoas ao nosso redor que testam constantemente nossa Vontade, Fé, Força e Constância em seguir nosso caminho.

São nesses momentos, em especial, que nossa solidão deve nos guiar para dentro de nós mesmos, onde podemos encontrar todas as respostas e então ressurgir renovados para continuar nossas batalhas e desfrutarmos nossos prazeres. Hoje compreendo, e não mais me condeno como há tempos atrás, que gastar algum tempo em uma profunda reflexão muitas vezes é essencial para continuar a jornada... Embora possa parecer uma possível estagnação perante olhos alheios, se também não nos enganarmos que estamos trabalhando com nosso interior, este é um momento que traz muito mais frutos do que um avançar forçado e carregado de indagações e incompreensões. E é nisso que reside a beleza de nossa solidão: cada conquista, cada meta alcançada, cada obstáculo vencido, nos traz a merecida

recompensa, a sensação de uma conquista única e pessoal, assim como cada prazer que obtemos com nossa liberdade consciente... Não devemos nada a ninguém, os louros são apenas nossos...

Nada se torna mais importante do que nós mesmos, e por isso todo o nosso redor começa a tornar-se secundário, supérfluo, chegando algumas coisas até mesmo a desaparecer por completo de nossas vidas. Trilhamos sozinho nosso caminho, por mais que possamos estar rodeados de pessoas que compartilhem a mesma jornada... Nossa única e real companhia somos nós mesmos, tudo que se encontra dentro de nós, nossa sombra e nossa luz...



LIBERDADE E LIVRE ARBÍTRIO

- O CONFLITO E AS FRONTEIRAS DA INTEGRIDADE HUMANA -

POR LILITH ASHTART - SÃO PAULO - SP © 2009

Escrever sobre a liberdade é tentar expressar o inexpressável. Antes de ser reproduzida em um contexto único, é um sentimento que deve ser encontrado no âmago de cada um.

Ela sempre foi a empírea Musa inspiradora dos grandes poetas, e a habitante dos sonhos mais rebeldes do ser humano. Mesmo os anjos a ela exaltaram, e acima de qualquer preço sua conquista foi bradada em cantos: “Que importa onde eu esteja, se eu o mesmo sempre serei, - e quanto posso, tudo? (...) Nós ao menos aqui seremos livres. (...) Reinar no Inferno preferir nos cumprir à vileza de ser no Céu escravos”. - Milton

O conceito de liberdade encontrado nos dicionários remete ao “poder de exercer livremente sua vontade”. Liberdade, na prática, é a tomada de consciência por um indivíduo de uma realidade e sua opção por vivenciá-la ou não. É um processo racional, no qual a pessoa converte uma ação antes condicionada em uma ação livre, através do conhecimento adquirido. As necessidades, interesses, motivações e capacidade de discernimento é que encaminharão seu livre-arbítrio a ser um agente positivo ou negativo. Segundo Vigotski, se a natureza determina a conduta, é a criação dos meios de “domínio” da natureza que tornam o homem livre. E é isso que justamente o diferencia dos demais animais: sua capacidade de autodomínio.

O autodomínio apenas pode ser adquirido pelo conhecimento de si mesmo, o que engloba também a exploração do inconsciente. Contudo, ao contrário do que muitos acreditam, o inconsciente não é apenas uma sombra: ele também possui autonomia criadora. É através dele que podemos entrar em contato com nossos primitivos instintos animais, sendo necessária extrema cautela para que consigamos os integrar de forma harmoniosa ao todo. Da mesma maneira que é prejudicial a repressão destes instintos, também é a entrega total aos mesmos. Onde há a dominação pelo consciente ou inconsciente, devido à negação do outro, a não-liberdade será encontrada sob a forma de obsessão.



“Liberdade, na prática, é a tomada de consciência por um indivíduo de uma realidade e sua opção por vivenciá-la ou não. É um processo racional, no qual a pessoa converte uma ação antes condicionada em uma ação livre, através do conhecimento adquirido”.

Lilith Ashtart



A resposta fatalista a este viés é facilmente observada em uma notável alienação embutida naqueles que se resumem na satisfação de suas necessidades instintivas básicas, na aceitação sem questionamento da cultura e da moral que lhes é transmitida e nos que se fecham em suas verdades únicas e sagradas, com todos seus valores e comportamentos direcionados, ditados por outro que não ele mesmo. Estas aparentes opções únicas e imutáveis que se desvelam a sua frente os sujeitam ao domínio dos demais: acreditando não poder modificá-las, deixam de se perceber como um agente de mudanças e acabam por se tornarem simples marionetes nas mãos de um ego maior. Mesmo em algumas destas situações podemos encontrar o aspecto negativo da liberdade: há quem se sintam “livre” na submissão voluntária a uma mente alheia ou aos acasos do destino. Afinal, é muito mais cômodo receber as regras feitas do que construí-las, tendo que se submeter a erros e acertos. O ser humano possui a tendência de se esquivar das situações que lhe exija responsabilidade pelas conseqüências de seus atos, colocando-o frente ao espelho.

Assim, a liberdade, que deveria conduzir os homens rumo as suas realizações, nem sempre é utilizada de modo positivo, entregando-o ao amarume da existência. Para muitos ainda reina a concepção de que ser livre é fazer o que bem se entende em qualquer situação. A liberdade nas mãos de um tolo apenas servirá para que ele a perca em definitivo pelos seus abusos e excessos. É preciso sabedoria para possuí-la sempre. Nada nos é proibido, mas devemos saber discernir o que usar a nosso favor e como usar, para não cairmos nas garras da falsa ilusão de poder, e nos tornarmos escravos novamente. Liberdade, antes de tudo, é possuir disciplina e responsabilidade consigo mesmo.



Devemos estar preparados, durante nossas vidas, para nos depararmos com situações em que será impossível conciliar o que desejamos e o que é melhor para nós. Estes momentos ocorrerão com maior freqüência à medida do aumento de nosso conhecimento e compreensão do eu interior, já que teremos

que nos desapegar de muitas concepções aceitas até o momento, mas incompatíveis com nossa evolução. É neste momento que devemos utilizar nossa liberdade de escolha com sabedoria para analisarmos qual será a opção que nos trará maiores benefícios, mesmo que não momentâneos. O que para muitos olhos alheios poderá ser visto como um “sacrifício”, uma “fraqueza” ou uma “privação”, nada mais será que uma sábia decisão tomada em virtude de uma busca maior: a retirada dos falsos véus e lapidar da própria essência. As colheitas da vida serão as únicas provas deste sucesso.

Sendo assim, embora a liberdade possa ser utilizada e sentida de diversas maneiras, inclusive de forma ilusória, há situações que são incompatíveis com aqueles que realmente desejam se libertar da escravidão das idéias.

A principal delas é seguir um dogma ou “profeta” cegamente, se entregando a um destino ou vontade divina. Cada ser humano é um microcosmo único, e como tal, deve perceber em si e a sua volta o universo de uma maneira singular. Os estudos e conhecimentos devem ser perseguidos e adquiridos de várias fontes para servirem de ponto inicial para questionamentos, experiências e referências comparativas. Assim, cada um poderá escrever seu próprio livro de valores, metas, prioridades, e vivenciá-lo será conquistar a liberdade plena. São nossas escolhas que determinam o sentido de nossas vidas. “Quando, alguma vez, a liberdade irrompe numa alma humana, os deuses deixam de poder seja o que for contra esse homem.” - Sartre

Todos possuímos asas. A opção entre aprender a voar ou continuar sob os urdumes de outrem é apenas nossa. Podemos permanecer no cárcere ou buscar sermos livres. Porém, devemos ter em mente que muitos tombos farão parte deste percurso até nos aperfeiçoarmos. A importância não se encontra no não errar, mas sim, nas lições aprendidas com os erros. O homem nasce livre... aprisiona-se, e esquece de como se libertar das próprias prisões. Por isso, a conquista da chave de nossa libertação deve ser encontrada no dia-a-dia, em cada ação nossa. É um tesouro precioso demais para ser obtido sem esforços ou doado por alguém.

Que não se clame mais por uma liberdade estéril em si mesma! Que os grilhões quebrados não se tornem os elos de uma nova corrente! Que todas as odes sejam cantadas à verdadeira LIBERDADE, aquela que liberta o homem de sua própria ignorância!



“Que não se clame mais por uma liberdade estéril em si mesma! Que os grilhões quebrados não se tornem os elos de uma nova corrente! Que todas as odes sejam cantadas à verdadeira LIBERDADE, aquela que liberta o homem de sua própria ignorância!”

Lilith

Ashtart

□ luciferianismo não impõe normas morais para aqueles que se identificam e buscam seus valores éticos. Isso é justificado pelo fato da moral se basear em um conjunto de normas concretas que exigem condutas específicas do indivíduo, desrespeitando sua liberdade de formular de modo crítico e consciente suas próprias regras através da análise dos resultados de seus atos na prática, e não segundo supostas consequências pré-determinadas.

Lilith Ashtart

ÉTICA LUCIFERIANA

(TRECHO RETIRADO DO LIVRO "[LUX AETERNA](#)")

POR LILITH ASHTART - SÃO PAULO - SP © 2009



Toda posição ideológica possui um conjunto de valores éticos em comum que a caracteriza, visando fornecer auxílio para a resolução dos dilemas normalmente encontrados durante a vida. Ética, contudo, jamais deve ser confundida com moral. Embora ambas caminhem frequentemente atadas de forma negativa por um laço indissolúvel na maioria das correntes filosóficas e religiosas, no luciferianismo é que encontramos sua exceção.

□ luciferianismo não impõe normas morais para aqueles que se identificam e buscam seus valores éticos. Isso é justificado pelo fato da moral se basear em um conjunto

conjunto de normas concretas que exigem condutas específicas do indivíduo, desrespeitando sua liberdade de formular de modo crítico e consciente suas próprias regras através da análise dos resultados de seus atos na prática, e não segundo supostas consequências pré-determinadas.

A palavra deriva do grego *ethos*, que significa caráter. A função da ética é a de orientar a busca individual ao fornecer parte dos subsídios para isso. A ética luciferiana é focada no próprio ser, e não no coletivo. Contudo, leva em conta a relação do ser com o meio que o cerca, para garantir-lhe que dele possa tirar o melhor proveito possível, dominando-o para trabalhar sob sua vontade e para seus propósitos. Desta maneira, pela ética se almeja o que é o melhor para si, o que nem sempre reflete o melhor para todos. Esta escolha, porém, está

sempre baseada em suas conseqüências finais, de modo que o luciferiano não agirá segundo impulsos e motivações vãs, mas apenas por aquelas que através de suas análises se mostrem pertinentes para o avanço ao seu objetivo final. A parte mais importante, este caminhar, fica sob exclusiva responsabilidade do buscador e sua capacidade de determinar suas ações, de modo a não provocar nenhuma reação que possa vir a impedi-lo e limitá-lo depois. Os planos devem ser cuidadosamente dosados naqueles a curto e longo prazo, pois ao mesmo tempo que não se deve viver apenas para uma situação por vir, não é inteligente entregar-se apenas ao momento de modo que isso atrapalhe qualquer planejamento futuro.

Outro fator que permite a existência da ética dentro do luciferianismo sem entrar em conflito com o mesmo é sua temporalidade. Estando aberta à inclusão de novos conceitos devido à sua característica contestadora, ela ao longo do tempo vai se transformando e evoluindo, seja individual ou coletivamente.

E quais seriam esse princípio e prática no luciferianismo? Apenas a obtenção do autoconhecimento pelos próprios méritos. Ao almejar nossa iniciação, devemos ter em mente que há etapas a serem cumpridas sucessivamente para alcançarmos de modo efetivo nossa meta. Jamais devemos desejar ou procurar pular estas etapas, pois serão cobradas posteriormente e, uma vez não transpostas em um grau anterior, se tornarão obstáculos capazes de arruinar todo o processo.

Sendo assim, não há etapas maiores ou mais importantes para desejarmos uma em detrimento de outra. Cada prova será equivalente e essencial ao grau de evolução em que nos encontrarmos, e por isso todas são iguais em intensidade no momento em que ocorrem. Não há chances de vitória ao entrarmos em uma guerra antes de termos aprendido a conhecer e utilizar nossas armas. É certo, porém, que quanto mais avançarmos no domínio de seu manejo, maiores serão os inimigos a serem enfrentados, e mais fatais os nossos erros.

Toda etapa é única. Apenas a total compreensão, controle e conseqüente superação das ordálias encontradas nela nos fornecerão subsídios suficientes para a próxima, uma vez que estas virtudes serão constantemente exigidas. É nisto que reside seu caráter naturalmente seletivo: um conjunto formado por etapas interligadas e interdependentes em relação ao todo, porém ao mesmo tempo individuais e completas em suas particularidades. Desta forma, a superação de uma não significa a conquista do conjunto, e sim de uma parte imprescindível dele. Como conseqüência, a qualquer momento um indivíduo poderá cair perante uma etapa, mesmo que tenha tido sucesso nas anteriores, mostrando que sua natureza e o caminho escolhido não são compatíveis.

“Estando aberta à inclusão de novos conceitos devido à sua característica contestadora, ela (a ética) ao longo do tempo vai se transformando e evoluindo, seja individual ou coletivamente”.

Isso ocorre pois os elementos que fornecem subsídios para se realizar tais superações apenas serão válidos se, no indivíduo em que se encontram, estiverem presentes como reflexo de sua essência. Os elementos em si mesmo nada significam se forem adquiridos de forma externa e artificial. Se faltar a base que os conduz corretamente e fornece suporte para sua execução, o que restará? É como possuir uma carruagem e um cavalo. Qualquer um pode se locomover utilizando este conjunto, porém para se conseguir chegar ao destino esperado é necessário, além de um prévio conhecimento de como manejá-lo, possuir força

para comandar as rédeas. Qualquer destes fatores que falte, resultará no fracasso da intenção.

As sociedades e principalmente as religiões costumam adotar códigos morais com a finalidade de conduzir a todos em um único caminho, reprimindo seus instintos e essências para moldá-los segundo suas supostas "verdades", tornando o ser humano totalmente estranho a si mesmo.

Doravante, nutrida e expressada a fragilidade humana, o campo dos valores culturais e comportamentais alienantes se torna cada vez mais fértil e presente a cada dia que passa, enquanto a essência apaga-se e submerge num interior obscurecido e negado da consciência humana. O ópio oferecido à humanidade tomou nova roupagem e invadiu novos espaços, abandonando a exclusividade de ser ofertado pelas religiões para englobar os diversos meios de comunicação que nos cercam, ditando novos ideais e inclusive o modelo humano idealizado de forma artificial e supérflua, que se esquece de suas faculdades intelectuais sagradas para focalizar-se apenas no profano. (...)



William Blake



William Blake. The Great Red Dragon and the Woman Clothed in Sun

c. 1806-1809 / Watercolor / 34.3 x 42 cm

“Eu, pecador, absoluto em meu pecado, todo poderoso construtor dos meus desvarios, confesso-me a mim. Persigno-me, persigo-me, prossigo nesta impossível impassível jornada, trama indecifrável. Eu, pecador, crivado pelas setas e espinhos da dúvida, indivíduo no mundo, persigo meu sonho. E meu

sonho intromete-se em minha vigília, soltando no ar os seres que povoam minha mente.

...Assim estava, assim pensava ele, abandonado ao t pido calor daquele vinho, naquele fim de tarde, jogado sobre a poltrona, quase a dormir, naquele profundo retalhar de coisas antigas, de crenças antigas, naquele ato de dissecar as próprias d vidas, a própria vida. De repente, ouve um zumbido e o barulho de vida próximo a ele. É uma mosca, que ronda o ar, ao redor da fruteira. Ali estão as peras, que adormecem e apodrecem seu marasmo, lassidão, solidão e abandono. A menos que uma mão faminta tome-as, levando-as à boca para saciar a fome, elas ali permanecerão eternamente em seu marasmo, apodrecendo.

Ele observa a mosca, que zumbindo em círculos aproxima-se da fruteira. E se admira ao ver seu v o bonito, concêntrico, o brilho refletido em suas asas azuis quando o sol rebate nelas diretamente. Acompanhando com o olhar v  quando ela, finalmente, pousa sobre as frutas. Como que magnetizado, sente-se penetrar na realidade daquele inseto, que agora passeia sobre a superfície dourada da p ra; ele agora é a própria mosca e passeia sobre a fruta, sentindo toda a carícia do veludo sob as patas, a tepidez dourada provocando arrepio nos pelos. Prepara-se para sugar todo o seu sumo, sua seiva. E exatamente quando começa a gozar as delícias de sua empreitada, desvia os olhos para cima, deparando-se com um magnífico azul violáceo, um sol que a convida a viagem rumo a outros ambientes. E ela imagina milhares e milhares de novos frutos, antecipando delícias de paraísos inimagináveis. E se divide: não sabe mais se se entrega ao doce ofício de sugar a seiva da dourada p ra ou se levanta v o em busca de outras paragens. E se debate entre, e se confunde, não percebendo a pesada mão de alguém que se abate sobre ela, que agora está tombada, inerte sobre a fruta.

... Quando sentiu a tragédia, voltou a ser ele próprio, sentindo as forças esgotarem-se nos estertores da morte. Novamente   ele o observador, e observa a cena: as peras continuam na fruteira, no mesmo lugar a mesa e a toalha, as flores, a sala, ele e seus olhos. Tudo permanece, como sempre, apenas a mosca está morta e já não faz mais parte do ambiente. E no entanto, nada mudou. Todo o conflito que viveu, todo o seu angustiante dividir-se, tudo   acabado. O mundo permanece, indiferente à sua morte,   sua queda. O seu pequeno mundo, feito de uma sala, de uma mesa e de uma fruteira cheia de peras, que continuam adormecidas, apodrecendo sua solidão e seu marasmo nas tardes quentes.

Silenciosamente, p  ante p , como se cumprisse um ritual, ele se levanta e se aproxima da fruteira. Com a ponta dos dedos retira cuidadosamente o inseto, e sem uma sombra de qualquer sentimento no rosto, atira-o na cesta de lixo, seu último reduto. Eu, pecador, absoluto em meu pecado, todo poderoso construtor dos meus desvarios, confesso-me a mim. E jogado sobre a poltrona, nestas tardes monótonas e quentes, pressinto e antecipo a queda da próxima mosca, e o ranger de dentes das peras, deixadas solitárias na fruteira.

Quando olho para ELA vejo...

...Uma mente LIVRE.

...Que divaga pelos JARDINS da
liberdade.

...Uma ESTRELA;

De um BRILHANTISMO
extremamente simples.

...A sabedoria do TEMPO;

De quem OBSERVA e
conversa consigo mesma.

...Um OLHAR;

Que te remete a LUGAR
nenhum.

...Ao tempo que
DESCORTINA;

Seu lado mais OBSCURO.

...Um ESCONDERIJO.

...O AMOR;

Entre os SEMELHANTES.

...A PAIXÃO ESCALARTE.

...A prostituta SAGRADA.

Enigma

?

retirada do livro "Vênus Desvelada", de
autoria de David Ruv



Onde se ENCONTRAM seus enigmas;

GLORIOSOS!

MARAVILHOSOS...

...A DEVASIDÃO

De um CORPO perfeito.

...Perfeição em forma de
MULHER.

...O PARADIGMA;

ETERNO do SER ou NÃO
SER.

...O UNIVERSO;

Em construção e
EVOLUÇÃO.

Quando olho para VOCÊ

...NUIT ...

Vejo um ENIGMA???

Que deve assim
PERMANECER;

Obscuro a TODOS.

Que não podem VER...

...Através da ESCURIDÃO

• • •
MATERIAIS
INTERESSANTES
PARA
COMPARTILHAR
O TEMPO
• • •

❖ Livro



Lux Aeterna - Tomo I
Avrora Serpentis - Filosofia Luciferiana
Autor: Lilith Ashtart

Descrição:

Este livro traz uma nova aurora para todos aqueles que estão dispostos a deixar as filosofias de morte que tornam nossa sociedade tão hipócrita e escravizadora; àqueles cansados de aceitar a posição de simples criaturas e que querem conhecer e desenvolver seu lado divino. Ele floresceu

da máxima: “A iluminação é nutrida na escuridão”. A meta do Luciferianismo reside na obtenção do autoconhecimento através do reconhecimento e eliminação de conceitos, hábitos e ações que destroem e manipulam nossa essência. Não somos apenas deuses em essência e promessa; somos deuses por nosso próprio direito, através da descoberta e do aprimoramento do potencial divino que possuímos dentro de nós. *É interessante lembrarmos as palavras de Willian Blake: “Os homens esqueceram que todas as deidades residem no coração humano”. As imagens das deidades são simples criações humanas, porém as forças que elas representam são reais. E estas estão dentro de nós, mesmo que ainda adormecidas.*

Preço de venda: R\$ 37,26 Edição: 1ª (2009) Número de páginas : 97
Onde comprar: http://www.clubedeautores.com.br/book/9050--Lux_Aeterna_Tomo_I

❖ Música



➤ Irfan

Inspirados e influenciados pelas tradições da música sagrada e folclórica da Bulgária, dos Bálcãs, do Mediterrâneo, do Oriente Médio e da Pérsia, bem como pelo patrimônio musical e espiritual bizantino, medieval e renascentista da Europa.

<http://www.myspace.com/irfantheband>

❖ Sites

- Projeto Luciferiano.org : Site onde pode ser encontrado disponível para download o zine “*Lucifer Luciferax*” além de outros materiais relacionados. Maiores informações sobre o projeto, acesse [HTTP://www.luciferiano.org](http://www.luciferiano.org).
- Lux Aeterna : Site dedicado ao luciferianismo, abrangendo o material do ensaio “*Luciferianismo: sua filosofia, influências e rituais*”, da autoria de Lilith Ashtart, assim como trechos do livro “*Lux Aeterna*”. [HTTP://www.lilithashtart.com](http://www.lilithashtart.com)

